

Ascetismo e Sectarismo no Apocalipse de João

*Valtair A. Miranda*¹

RESUMO

“Ascetismo e sectarismo no Apocalipse de João” procura mostrar como João de Patmos procura definir limites e fronteiras de comunidades religiosas. O visionário prescreve a identidade dos “santos”, projetando-a na descrição dos perseguidos pelo Dragão e dos guerreiros do Cordeiro. Ele o faz não apenas apontando os adversários dos seguidores do Cordeiro, mas construindo-os. Destes adversários, o fiel deve se afastar, quer ele seja um irmão de uma igreja, quer seja um irmão de uma sinagoga (agora chamada de sinagoga de Satanás), quer seja um vizinho na mesma cidade (agora marcado pela besta).

PALAVRAS-CHAVES

Ascetismo, Sectarismo, Apocalipse de João.

ABSTRACT

“Asceticism, sectarianism, and Revelation of John” shows how John intends to mark limits and boundaries of religious communities. John points out the identity of the saints as he describes the Lamb warriors and people persecuted by the Dragon. John does it not only pointing out the followers of the lamb opponents but also building them

¹ Valtair Miranda é doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo), doutorando em História (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

up. Faithful people must detach themselves from the opponents. The opponents could be someone from Christian community, or a brethren from a Synagogue (now called Synagogue of Satan), or a neighbor in the same city (now someone marked by the beast).

KEYWORDS

Asceticism, Sectarianism, Revelation of John.

No contexto do Império Romano, no interior do primeiro século da Era Comum, as seitas e partidos judaicos se multiplicaram. Um desses grupos terá início nas atividades de Jesus de Nazaré na década de 30 na Galileia e Judeia, e se espalhará pelo Império². Esses primeiros grupos, posteriormente definidos como cristãos, cresceram num relacionamento conturbado com as demais comunidades judaicas. Essencialmente, eles poderiam ser definidos, segundo Chadwick, “como judeus que se distinguiram dos compatriotas pela sua crença em que, com Jesus de Nazaré, havia já chegado o Messias esperado”³.

A maneira como esses grupos judaicos se relacionavam carregava certo desconforto por causa, principalmente, da revolta judaico-romana (66-70), da destruição de Jerusalém (70), e da luta pelo poder entre os ramos do judaísmo sobreviventes da guerra, especialmente os fariseus e os seguidores de Jesus.

Os fariseus se reagruparam em torno da instituição sinagagal. Já os seguidores de Jesus se organizaram em torno de comunidades de crenças, as igrejas, em oposição aos demais judeus que os acusavam de infidelidade quanto à lei e os expulsavam das sinagogas. Possivelmente, as comunidades de Jesus espalhadas pela Ásia Menor tenham se originado da atividade religiosa de Paulo de Tarso na região, a partir do ano 58

² Uma análise recente do cristianismo emergente, com ênfase nas décadas de 30 e 40, pode ser encontrada em CROSSAN, John Dominic. **O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2004. Cf., também, HENGEL, M. **Between Jesus and Paul: Studies in the Earliest Christianity**. London: SCM Press, 1983.

³ CHADWICK, Henry. **A igreja primitiva**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1967, p. 9.

da Era Comum, e se transformado em espaços importantes de divulgação da mensagem proto-cristã. Não havia centralização religiosa, e cada igreja se organizava e sobrevivia do seu próprio jeito. Em termos de liderança, estas comunidades levantavam seus quadros de dentro do próprio grupo, normalmente de forma colegiada. Mesmo assim, uma antiga atividade religiosa judaica ainda se manifestava entre as igrejas: a profecia⁴. Profetas itinerantes viajavam para pregar suas mensagens em cada comunidade. Não tinham vínculo com as igrejas locais, e se moviam em função da ajuda que recebiam de cada grupo.

Um destes profetas, possivelmente responsável por visitar as igrejas da Ásia Menor, ainda dentro do primeiro século, mas várias décadas após o início do movimento de Jesus, tornou-se importante por causa de um curioso livro em que registrou algumas visões relacionadas com o final dos tempos, conhecido como Apocalipse.

Nesta obra ele se identificou simplesmente como João, e registrou o que, nos seus termos, seriam revelações recebidas a respeito de eventos históricos e realidades celestiais, durante uma permanência ou visita à Patmos, uma pequena ilha perto da costa do Mediterrâneo. Em função das poucas informações sobre este profeta, iremos identificá-lo com o acompanhamento da ilha que o popularizou. Ele é, simplesmente, João de Patmos.

A partir dos testemunhos de Papias, Irineu e Eusébio, é comum aos estudiosos situar João de Patmos, no momento da produção de seu Apocalipse, durante o reinado de Domiciano, em meados de 81-96, em especial a última década⁵. Líderes cristãos, posteriormente, chegaram a reputá-lo como um dos discípulos de Jesus. Mas, em função do silêncio

⁴ Para Bernard McGinn, se para a história das religiões um profeta pode ser definido como uma pessoa inspirada que crê que foi enviada por seu deus com uma mensagem para contar, no contexto das tradições judaico-cristãs, profeta é um homem que prediz o futuro, alguém que quer corrigir uma situação presente à luz de um passado ideal ou futuro glorioso. Cf. MC GINN, Bernard. **Visions of the End: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages**. New York: Columbia University Press, 1979, p. 4.

⁵ Para uma descrição das questões em torno da autoria e data, conferir COLLINS, Adela Yarbro. **Crisis e Catharsis: the Power of the Apocalypse**. Philadelphia: Westminster Press, 1984, em especial os capítulos I e II.

do seu livro sobre esta identificação, a tendência dos pesquisadores é acompanhar a antiga argumentação de Dionísio, bispo de Alexandria na segunda metade do terceiro século da Era Comum, registrada por Eusébio. Para Dionísio, o nome João era muito comum entre os seguidores de Jesus. Sendo assim, o autor pode não ter sido o apóstolo, mas outro João qualquer: “Portanto, não contradirei que ele se chamava João e que este livro é de João [...]. Mas eu não poderia concordar facilmente em que este fosse o apóstolo, o filho de Zebedeu e irmão de Tiago, de quem é o Evangelho intitulado de João e a carta católica”⁶.

Tomamos os dados do seu próprio livro, então, para definir João de Patmos como um profeta itinerante, de etnia judaica, convertido ao movimento de Jesus, que exerceu uma atividade religiosa entre as igrejas da Ásia Menor do Império Romano. Para sete igrejas desta região (Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodicéia), ele escreveu seu livro.

O livro de João teve seu título extraído da primeira expressão da obra: *apocalypsis*, termo que significa “revelação”⁷. E exatamente o que João pretendeu revelar para seus leitores? Em linhas gerais, o livro é dividido em três partes, cada uma delas com uma narrativa diferente. Na primeira, João descreve o aparecimento do “Filho do Homem”, que lhe revela o conteúdo de sete cartas que deveriam ser encaminhadas para sete igrejas. A segunda seção da obra pretende descrever o que João teria visto após uma viagem espiritual ao céu. O conteúdo desta segunda visão é narrado através da estratégia da abertura de um rolo selado com sete selos. É uma história típica das intervenções escatológicas judaicas, que culmina na consumação do Reino de Deus, estruturadas no desencadear de selos e trombetas. A última seção do livro é bem maior, consumindo a metade da obra. Nela se desdobra a história da guerra entre uma figura satânica, o “Dragão Vermelho”, e o “Cordeiro”, um símbolo usado por João para fazer referência à morte de Jesus em Jerusalém na década de 30. No Apocalipse, Jesus está vivo e é descri-

⁶ EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Novo Século, 1999, p. 256.

⁷ MOUNCE, W. D. *The Analytical Lexicon to the Greek New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 90.

to em categorias exaltadas, como um ser celestial ou mesmo um anjo. Esta história de guerra, assim, é uma forma de João descrever a história humana, na forma de conflitos, violência e morte, tanto dos seguidores de Jesus, quanto dos seguidores do “Dragão”. A expectativa de João é que os seguidores de Jesus serão perseguidos e mortos, numa escala crescente de intensidade, até o retorno do “Cordeiro” para a terra. Na visão histórica do profeta de Patmos, essa volta de Jesus não seria para terminar a história, mas para matar os seguidores do “Dragão”, promover sua prisão durante mil anos, e inaugurar um reino na terra. Somente após esse reino terreno milenar é que acontecerá a derrota definitiva do mal e a descontinuidade da existência histórica que daria lugar ao que João chamou de Nova Jerusalém.

O Dragão como justificativa para o ascetismo

Dentro do Apocalipse, a grande transição do livro se dá no capítulo 12, quando ele narra o conflito entre o Dragão e a Mulher. Esta narrativa é muito importante para indiciar a natureza retórica do Apocalipse, bem como a forma como João de Patmos promove determinada identidade religiosa, ao mesmo tempo que tenta deslegitimar as representações majoritárias da sociedade. A análise desse texto pode fornecer importantes subsídios para a reconstrução do grau de compartilhamento entre a visão de mundo do autor do Apocalipse e as comunidades recebedoras do livro; também a plausibilidade da recepção dos seus referenciais de mundo nesse círculo de leitores ou ouvintes.

A narrativa do Dragão e a Mulher, talvez provocada por alguma experiência visionária na Ilha de Pátmos, alimentada por elementos da tradição judaica, tanto da Escritura Hebraica quanto de grupos sectários apocalípticos, e filtrada por elementos da nova fé em Jesus como Messias, se transforma num texto-convite para que outros crentes enxerguem o mundo da mesma forma que João.

Segundo essa história, um grande Dragão Vermelho se volta contra uma mulher grávida para a destruir, bem como ao seu bebê, quando nascesse. João descreve a criança com traços messiânicos, mas a história não se desenvolve segundo qualquer tradição messiânica judaica.

A criança nasceu, foi arrebatada para o céu, sua mãe escapou para o deserto, mas o Dragão continuou solto e, agora com ira acentuada, se volta para os demais descendentes da mulher. No meio dessa narrativa, João inseriu o evento da guerra no céu entre Miguel e o Dragão. Apesar do Dragão ser o único personagem que aparece nos dois episódios, João une as duas histórias com a conclusão de que tudo isto é para explicar os conflitos históricos dos seguidores de Jesus. O Dragão, afirma João, é o Diabo, Satanás, o antigo acusador, o tentador. Este antigo e conhecido inimigo agora está mais perto do que nunca, e inaugurou uma guerra violenta contra os “santos”⁸.

O pano de fundo desta narrativa se encontra numa tradição religiosa dos movimentos sectários judaicos que invocavam personagens celestiais malignos para descrever seus adversários, tanto os judeus quanto os estrangeiros, gerando um dualismo moral e escatológico. Nesta tradição se declarava uma guerra cósmica entre Deus e Satanás, entre os “filhos da luz” e os “filhos das trevas”, como projeção de conflitos históricos: conflitos sociais, políticos, ideológicos e religiosos.

O que poderia explicar o uso dessa narrativa em Apocalipse? Aparentemente, a leitura da realidade histórico-social das comunidades cristãs no final do primeiro século indica que os grupos cristãos se debatiam com a necessidade de construção de identidades, por causa da separação em processo das comunidades judaicas e pela relação ambígua com a sociedade romana. O visionário João, entretanto, tem expectativas de pertença muito elevadas, com normas rígidas de relacionamento com a sociedade, e ideais sectários de auto-estigmatização. Ao não encontrar uma adequação dessas expectativas dentro das próprias igrejas às quais se dirige, João amplia sua leitura crítica da sociedade, narrando a queda do Dragão e a demonização de todas as instâncias sociais. Diante de um mundo em conflito, a única alternativa que o visionário acredita existir para os fiéis seguidores do Cordeiro, assim, é a ruptura completa com o mundo, bem como a espera pela oportunidade de participar da vitória de Cristo, na forma do martírio idealizado.

⁸ Termo que João de Patmos usa para descrever os seguidores de Jesus.

Apocalipse 12, assim, se apresenta como uma narrativa com fins instauradores. Ela foi construída para instaurar um mundo. Ao lê-la ou ouvi-la, esperava-se que sua audiência percebesse o mundo como a narrativa o descreve: um mundo em conflito; um conflito originado no céu, mas que se estende à terra; e que não deixa escapar ninguém de suas trincheiras.

João, pela forma como descreve o mundo, quer promover isolamento social. Os “santos” devem abandonar não apenas o culto imperial, o que parece ser um elemento de concordância entre eles, mas todas as instâncias sociais, políticas e religiosas da sociedade. A forma como farão isso é trocando de mundo. Fazem isso, num primeiro momento, para abraçar o mundo construído e projetado pelo visionário, entendendo-se como uma minoria perseguida, cujo lar e destino não se encontram no aqui e agora. Mas, num derradeiro e último momento, o fazem para deixar concretamente a realidade dura do cotidiano ao aceitar o martírio, para entrar no mundo celestial, e assim fazer parte do grupo dos irmãos vitoriosos.

Neste sentido, a identidade dos “santos” que ouvem a narrativa do Dragão e a Mulher seria construída pela demonização da identidade do outro, num processo que confirma aos “santos” sua própria identificação com Deus e a ligação dos seus adversários com o demoníaco. Essa interpretação moral de conflitos, já construída e consolidada subjetivamente no visionário João, é objetivada no seu Apocalipse para ser compartilhada com sua audiência.

João se pergunta: quem somos nós? Sua resposta: Somos os filhos da Mulher, irmãos da criança messiânica, os que obedecem aos mandamentos de Deus. Somos os perseguidos.

João se pergunta ainda: e os outros? Sua resposta: todos os outros são seguidores do Dragão, do diabo, de Satanás. Eles são os perseguidores.

Assim, o seguidor do Cordeiro e membro da igreja de Deus é aquele que testemunha sua fé como Jesus testemunhou. São aqueles perseguidos na terra, que têm irmãos vitoriosos martirizados no céu. São todos descendentes da grande Mulher primordial, o que os faz irmãos do Messias. São também co-participantes da guerra cósmica na qual o Dragão foi derrotado no céu, e o será em breve na terra.

Apocalipse 12.11 não deixa dúvida. Se o testemunho leva à morte, a morte não é derrota. É vitória.

Os homens guerreiros de Apocalipse 14 como o ideal da igreja de Jesus

O capítulo 12 descreve o conflito entre a Mulher Grávida e o Dragão. Após o nascimento da criança messiânica, quando tanto a mulher quanto seu filho escapam das mãos do Dragão, ele se volta para os demais descendentes da mulher. Ele perdeu a guerra no céu, e por isso começa uma guerra na terra.

Os principais instrumentos do Dragão para guerrear contra os santos são as duas bestas levantadas no capítulo 13. Elas iniciam o confronto exatamente pela definição de alianças. Quem celebrar a besta que se levantou do mar receberia sua marca, indicando a aliança com o Dragão. Aqueles que não recebessem essa marca, conseqüentemente, seriam identificados como inimigos e sofreriam as privações que alianças bélicas normalmente infligem nos adversários, como boicotes econômicos, restrições da liberdade e perda da vida.

A resposta do Cordeiro vem no capítulo seguinte, o capítulo 14, ao reunir seu exercito de 144 mil homens valentes sobre o Monte Sião. Eles recebem o selo de Deus, em contraposição ao selo da besta. Os homens que estão ali não são apenas guerreiros, mas também sacerdotes. A narrativa os descreve com linguagem bélica e cultural. Eles seguem as normas de purificação sacerdotal, bem como as regras da pureza de tempos de guerra santa⁹.

Estes ainda seguem o Cordeiro “onde quer que vá”. Por isso, são primícias para Deus. No esquema do visionário, se a estratégia de guerra das bestas é formada de boicote, prisão e morte, a estratégia dos guerreiros-sacerdotes do cordeiro é o martírio. Como o Cordeiro, que venceu pela morte, eles também morrerão para vencer.

⁹ Para uma análise ampla dos guerreiros do Cordeiro, conferir MIRANDA, Valtair A. **O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade no Apocalipse de João**. São Paulo: Paulus, 2011. 196 p.

Com isso eles desaparecem por um momento para surgir novamente no capítulo 15. Desta vez o ambiente é um mar de vidro misturado de fogo, o local do trono de Deus. É em torno desse trono que João vê os que venceram através do testemunho e do sangue do Cordeiro. Eles não aparecem mais como os 144 mil valentes, mas como os vitoriosos sobre a besta. Seu sangue encheu a taça da ira de Deus e promoveu o desenrolar da última série de taças.

Com a descrição dos 144 mil guerreiros, assim, João de Patmos parece ter buscado, em vez de descrever eventos escatológicos, prescrever o perfil dos “santos” idealizados pelo visionário. Neste ideal, eles são homens, virgens, ascetas e mártires.

A narrativa da guerra dos guerreiros-sacerdotes sobre o monte Sião tem o potencial de produzir na audiência do Apocalipse um forte comportamento ascético, onde as barreiras que a separam do mundo são fortificadas e levantadas. Ascetismo e martírio aparecem como elementos predominantes, tanto para vencer as bestas, quanto para participar do culto a Deus. João deseja separar parte da sua audiência, pelo menos aquela que ainda era sua aliada, tanto dos demais crentes, quanto de todas as esferas sociais, políticas e religiosas.

João deseja identificar sua audiência em oposição aos seguidores da besta, que estão intoxicados pelo vinho da Prostituta, e são responsáveis pelo sangue dos mártires. Dentro desta perspectiva, não existe nada de bom nos habitantes da terra e interagir com eles, em algum sentido, é apostasia, ou nos seus termos, “contaminar-se com mulheres” ou “contaminar as roupas” (Ap 3.4)¹⁰.

Todas as pessoas são divididas em dois grupos: ou são seguidoras do Cordeiro, ou são seguidoras do Dragão e a besta¹¹. É um dualismo sectário e radical.

¹⁰ CAREY, Greg. Symptoms of resistance in the Book of Revelation. In: BARR, David L. (ed.). **The reality of Apocalypse: rhetoric and politics in the Book of Revelation**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006, p. 174.

¹¹ COLLINS, Adela Yarbro. **The Combath Myth in the Book of Revelation**, p. 158

Conclusão

João de Patmos, assim, através do seu Apocalipse, quer definir limites e fronteiras de comunidades religiosas. O visionário prescreve a identidade dos “santos”, projetando-a na descrição dos perseguidos pelo Dragão e dos guerreiros do Cordeiro.

Ao convidar a audiência para se ver mergulhada numa guerra escatológica contra o Dragão e seus aliados, o visionário quer moldar suas comunidades. Ele assim o faz não apenas apontando os adversários dos seguidores do Cordeiro; mas construindo-os. Destes adversários, o fiel deve se afastar, quer ele seja um irmão de uma igreja (que não mais será chamado de irmão), quer seja um irmão de uma sinagoga (agora chamada de sinagoga de Satanás), quer seja um vizinho na mesma cidade (agora marcado pela besta).

O presente status dos “santos” é condição para participar da intervenção escatológica do Cordeiro. Para participar da descendência da Mulher é preciso ser perseguido. Para participar do exército dos 144.000 guerreiros escatológicos é preciso se preservar, o que implica ascetismo idealizado e exacerbado. O comportamento dos “santos” é pré-condição para participar da esperada salvação escatológica e lutar ao lado do Cordeiro contra as bestas e seus seguidores.

O ascetismo presente nestes episódios do Apocalipse, e também no restante do livro, com seu convite para se afastar da sociedade e levantar os limites que separam os seguidores de João de todos os demais, tem como pano de fundo uma visão de mundo em conflito, mergulhado numa guerra santa, na qual os “santos” estão convocados a participar.

Desta forma, o Apocalipse nasceu menos para instruir as igrejas sobre procedimentos nos tempos do fim do que para moldar sua audiência através da própria descrição visionária da guerra escatológica.

Referências

- CAREY, Greg. Symptoms of Resistance in the Book of Revelation. In: BARR, David L. (ed.). **The Reality of Apocalypse: Rhetoric and Politics in the Book of Revelation**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006, p. 169-180.
- CHADWICK, Henry. **A igreja primitiva**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1967.
- COLLINS, Adela Yarbro. **Crisis e Catharsis: the Power of the Apocalypse**. Philadelphia: Westminster Press, 1984. 179 p.
- COLLINS, Adela Yarbro. **The Combath Myth in the Book of Revelation**. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001.
- CROSSAN, John Dominic. **O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2004.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Novo Século, 1999.
- HENGEL, M. **Between Jesus and Paul: Studies in the Earliest Christianity**. London: SCM Press, 1983.
- MC GINN, Bernard. **Visions of the End: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages**. New York: Columbia University Press, 1979.
- MIRANDA, Valtair A. **O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade no Apocalipse de João**. São Paulo: Paulus, 2011.
- MOUNCE, W. D. **The Analytical Lexicon to the Greek New Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 1992.